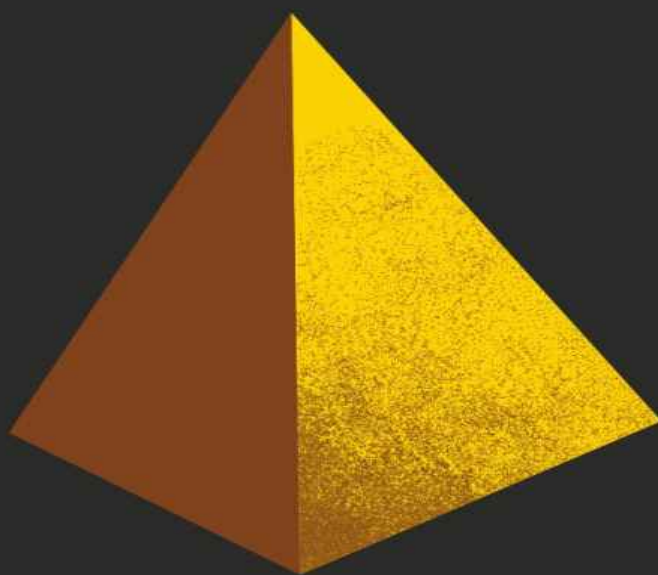


KARMA YESHE DROLMA

Mestre Shamballa Healing



ALQUIMIA DAS FORMAS E CORES



EDITORA

Gruidher

Karma Yeshe Drolma

Alquimia das Formas e Cores



Rio de Janeiro

2022

Índice

Introdução

Energia: tudo é quântico

Formas: Deus geometriza

Criação: a modulação das
Formas

Alquimia: uma dança entre
Formas e Cores:

Símbolos: os Construtores
de Pontes

Referências

Introdução

A consciência de que o Universo e o ser humano são UM, estão integrados pela mesma força criativa e por isso detêm um grande poder de cura, correção, criação e transformação não é tão nova quanto possa parecer. Trata-se de uma percepção que está evidente em marcas, hieróglifos e outros registros de memórias encontradas no passado, seja em pergaminhos, livros sagrados, pinturas rupestres, símbolos e códigos secretos. Toda tradição religiosa ou filosófica é condutora de conhecimentos sobre leis, propriedades, técnicas de modulação, transmissão e absorção de uma energia que anima todo o universo. A mesma força propulsora que foi capaz de cria-lo, impor-lhe um design e estabelecer um Plano. Essa energia emana de uma Fonte que, por meio de um sistema de forças inteligentes e integradas, a distribui por todo universo. Nós, a humanidade, somos os receptores finais desta emanção criativa e Divina, em alguns momentos inconscientes, mas não menos importantes. A cada etapa evolutiva nossa consciência é ativada, a conexão com a Fonte é refinada e cada vez mais conseguimos decodificar e retomar a herança da criação.

A humanidade é uma experiência ainda em ação do Criador de todas as coisas, o Deus Pai/Mãe. A Luz que emana do Criador é de natureza contínua, que se expande em fluxos ou correntes espiraladas, dando forma e vida a múltiplas dimensões. Essas correntes integradas estão ilustradas na Árvore da Vida, da Cabala Judaica, na qual, da Trindade Superior a Luz é tripartida nas forças primordiais que deram origem a tudo incluindo a vida: Poder, Amor e Sabedoria. Cada um de nós, de mundos a seres humanos, somos vasos receptores dessa Luz, e seguimos grande parte de nossa trajetória inconscientes de nossa participação e propósito nesse esquema divino, no qual, tudo está conectado. A humanidade é um corpo coletivo que cometeu muitos erros, é o próprio Graal perdido que se fechou para luz. Essa incompreensão e afastamento da natureza divina resultaram na deterioração do código genético, afetando a dimensão física, biológica e do código da alma, afetando a dimensão do espírito. O DNA é hoje um código

corrompido que precisa de correção. Estamos presos ao nível carbônico no qual se fundamenta toda estrutura material que nos sustenta e que herdamos do "pó da terra". Quando corrigirmos os padrões originais desse código acionaremos também nossas conexões cósmicas, multidimensionais e participaremos como cocriadores, de forma consciente. No carbono despertaremos a dimensão cristal, mais refinada e próxima ao equilíbrio para em seguida despertarmos o diamante. "Os diamantes são eternos" é o que diz o clichê e, nesse sentido avançaremos rumo à dimensão do "Homus Universus", habitante das galáxias, navegador de mundos. Esse é, enfim, o plano revelado em velhas e novas profecias.

Como seres em exílio seguimos gerando males de todos os tipos: físicos, materiais, psíquicos, sociais, ambientais e humanitários. Por outro lado, existe o Plano de evolução que nos inclui a todos. Evoluímos, por bem ou por mal, seguimos sempre em direção ao ideal divino, seja de pé como um ser integral ou arrastados como poeira ao vento. Nesse caminhar, a ausência da Fonte se torna cada vez mais um drama presente, lançando-nos numa roda de arrependimentos, tristeza e dor. Acabamos por perceber que a plenitude que buscamos só será alcançada na aventura da superação e resolução deste drama coletivo na direção do retorno à Fonte Divina e seus padrões originais, por meio dos quais nos assemelhamos ao Criador.

A aventura do retorno à Fonte, a reintegração às condições originais e ao padrão do Criador é um caminho de cura e transmutação que podemos percorrer de forma mais fácil, quando em conexão com forças, energias, técnicas e saberes que estão disponíveis no Universo e em cada ser humano, desde sua criação. Ninguém é dono desse saber, ele é cósmico. O mundo das ideias, conforme dizia Platão, está aberto a todos. Quando uma "ideia" é enviada ao plano da humanidade, é comum que venha em forma de símbolos, mais comum ainda que várias pessoas a recebam ao mesmo tempo e que as interprete de acordo com a própria cultura, sistema simbólico e de crenças. Em geral, é assim que as revelações nos chegam.

Sábios e alquimistas do passado dedicavam seus estudos à identificação do elemento básico que dá origem à vida e a tudo o que existe. Aquele, cujo domínio permitiria curar todas as doenças e transformar o “vil metal em ouro”. Esse processo alquímico, embora tenha tido consequências materiais que formaram as bases para as ciências da natureza era, acima de tudo, uma alegoria sobre a possibilidade de transmutação da alma na direção de seu projeto original, em sintonia ou ressonância com “a norma do Criador.” Muitos procuraram esse princípio vital entre os quatro elementos alquímicos: o fogo, a terra, a água e o ar. Os constantes fracassos os levaram a crer na existência de um quinto elemento, algo tão poderoso e sutil que perpassava a estrutura dos outros quatro, sem ser percebido, mas, capaz de tonalizar ou qualificar a ação de cada um deles, a um nível superior, aquele que chamamos "oitavas superiores".

Esse “quinto elemento” ou “quintessência”, capaz de requalificar tanto a matéria como o espírito, recebeu muitos nomes ao longo do tempo: Og, Éter, Ki, Chi, Energia VRIL, luz astral etc. Por tratar-se de um poder muito grande, a existência dessa energia foi velada para a maioria dos seres humanos. Somente iniciados, grandes sacerdotes e magos detinham esse conhecimento e o passavam apenas a alguns discípulos escolhidos que tivessem demonstrado qualidades necessárias para recebe-lo. No entanto, assim como as raízes da humanidade ainda não foram totalmente reveladas, também o uso dessa energia tem sido revelado em graus, porque seu domínio total ainda não é possível ao coletivo da humanidade, pelo menos até o final desta era. Sabe-se que erros tremendos foram cometidos no passado. Erros que custaram vidas, civilizações e até de um planeta inteiro. Os Continentes de Lemúria e Atlântida, por exemplo, foram, segundo as lendas, varridos do mapa assim como as cidades bíblicas, Sodoma e Gomorra.

A Grande Pirâmide de Gizé é o modelo que dá as proporções exatas para a construção de pirâmides na terceira dimensão. Tradicionalmente consta que foi construída por volta de 2550 a.C., a pedido Faraó Quéops. Tinha então 146,60 metros de altura ficando depois com os seus atuais 137 metros ao perder seu topo e parte do

revestimento. Sua estrutura consistia em blocos de pedras ajustados de forma a dar um perfeito alinhamento aos ângulos e arestas. Até os dias de hoje foram descobertas apenas três câmaras em seu interior: a Câmara Real, que abrigava os restos do faraó; a Câmara Secreta; e a Câmara da Rainha.

Originalmente as pirâmides eram revestidas de pedra calcária polida que fazia com que brilhassem quando expostas ao sol. De acordo com o relato contido no documentário “O Olho de Hórus” que é baseado nas pesquisas e revelações do egiptólogo R. A. Schwaller de Lubicz, os blocos de pedra eram formados de cristais de quartzo. Isso fazia com que cada pirâmide agisse como um imenso cristal, reproduzindo sua frequência a uma potência bastante elevada, capaz de atingir os níveis mais superiores da aura planetária. As pirâmides do Egito foram construídas em pontos específicos da grade energética do planeta e posicionadas propositalmente no platô de Gizé para representar com exatidão milimétrica as três estrelas centrais do Cinturão de Órion: MINTAKA, ALNILAN E ALNITAK que no BRASIL são popularmente conhecidas como “as três Marias”. Consta também nas revelações de Edgar Cayce sobre a destruição do Continente de Atlântida, que no topo da grande pirâmide de Quéops ficava uma pedra de cristal ASTRATONE que mais tarde foi retirada pela Federação Galáctica. Esta pedra fazia com que a grande pirâmide se transformasse num condutor de energia VRIL, ou força cósmica, extremamente poderoso. O resultado da instalação das pirâmides a partir da conjugação das forças telúricas oriundas de seu posicionamento geográfico, com as forças cósmicas potencializadas pela frequência do cristal, foi a formação e a reversão de um vórtice de energia tão poderoso que destruiu Atlântida, quase ao mesmo tempo de um planeta, cujos fragmentos hoje constituem o “cinturão de Órion”. Desde então, os Senhores Ascensionados, regentes dos sistemas estelares e dos grandes conselhos cósmicos, além de retirarem o cristal do topo da grande pirâmide, decidiram manter em segredo as fontes assim como as tecnologias de controle e manipulação da força VRIL. Selaram alguns vórtices de energia do planeta terra,

fechando embocaduras e portais, implantando artefatos de proteção entre os quais estão outras estruturas também em forma de pirâmides, os círculos de pedra, redes cristalinas e outros.

Ainda no passado e também em diversas lendas podemos encontrar muitos artefatos canalizadores dessa energia. Um deles e talvez o mais famoso seja a Arca da Aliança, dispositivo que, entre outras coisas, guardava as tábuas da Lei lavradas por Moisés, no Monte Sinai. Moisés recebeu as orientações para sua construção diretamente de Jeová. A Arca era um artefato estranhamente complexo para aquela época. De acordo com as pesquisas realizadas por René Guènon, sua manipulação só era permitida a Moisés e àqueles a quem ele havia iniciado. Qualquer outra pessoa estava proibida de tocá-la. No Livro de Moises, no primeiro Testamento, há a narrativa de que durante uma das expedições do povo de Israel pelo deserto, Nadabe e Abiu, filhos de Aarão, seguiam ao lado do veículo que transportava a arca quando este tombou. Aflitos por impedir que a arca caísse ao chão os rapazes correram a segurá-la. Imediatamente, segundo as escrituras, foram “fulminados” por D’us diante aos olhos de todos. Mais do que um “castigo” pela desobediência às ordens divinas, tratou-se obviamente, da manipulação indevida de um artefato carregado com uma energia altamente poderosa e perigosa.

Ao longo das histórias, narrativas e lendas que nos chegam desde a antiguidade terrena, temos notícias de outros artefatos de manipulação energética usados por magos, feiticeiros, sacerdotes, construtores de catedrais, domos e cidades, reis e cavaleiros consagrados. Entre esses encontramos igrejas, templos, lanças, escudos, espadas, bastão, taça, vara, varinha, vassoura, pedras de poder, palavras de poder, símbolos, gestos, contas, cetros, anéis, talismãs e até elixires são alguns dos artefatos que nas mãos dos conhecedores se transformavam em fontes de poder, cura, criação e destruição. O pressuposto "D’us geometriza" atribuído a Pitágoras e Platão, indica que desde tempos remotos os códigos da criação Divina têm sido revelados à humanidade em forma de figuras geométricas. Essas mesmas são identificadas em hieróglifos, construções antigas e artefatos sagrados. Lembro de uma aula que

tive na Escola de Comunicação da UFRJ no início dos anos 80, na qual o professor de Epistemologia da Comunicação nos dizia que se há uma forma de nos comunicarmos universalmente, incluindo outras dimensões ou outros planetas, esta seria em linguagem simbólica, matemática. A geometria sagrada é hoje um legado da humanidade. E quem a conhece e reconhece pode usá-la em cooperação criativa para a construção do novo mundo, no qual todas essas dimensões e conhecimentos estarão disponíveis.

Resta-nos compreender porque tais poderes e conhecimentos têm sido mantidos ocultos ao longo do tempo e revelados apenas a alguns entre a grande maioria dos seres humanos. Um dos principais requisitos que nos define como prontos a receber o conhecimento necessário para a manipulação dessa energia e dos artefatos e técnicas que a conduzem, está revelado a milhares de anos e foi inscrito no Templo de Delfos, na Grécia Antiga – “Conhece-te a ti mesmo”. Conhecer a si mesmo e desenvolver todas as potencialidades de seu corpo físico, energético e psíquico, fará do ser humano o próprio artefato canalizador da luz divina, podendo realizar todos os milagres possíveis. Conforme me foi revelado, durante uma iniciação Reikiana, o domínio e o conhecimento sobre si mesmo farão de cada um de nós um “bastão da Vontade Divina”, uma expressão tão perfeita de equilíbrio que permite um fluxo contínuo da energia essencial para dentro e para fora de si mesmo. Desse modo não haverá mais distância entre Criador e Criatura tampouco necessidade de nenhum outro artefato além de si mesmo e da própria vontade.

CAPÍTULO 1

Energia: Tudo é quântico:

Estamos quase no terceiro milênio da raça humana após o afundamento da Lemúria e do dilúvio que destruiu Atlântida. Catástrofes que levaram consigo o registro dos grandes avanços alcançados pelas civilizações antigas e sua herança extraterrestre. E somente agora, no limiar de uma nova transformação, que a concepção do Universo como um sistema complexo, multidimensional, interligado e conectado em rede por uma energia essencial, retoma força e volta a configurar a base epistemológica para a explicação sobre a origem da terra e de tudo o que existe. Essa força primordial, oriunda do verbo ou hálito divino se expande infinitamente e gera frequências vibracionais que se distribuem e configuram ao longo do espaço-tempo dando “vida” e forma à estruturas dinâmicas que vão do átomo aos planetas, dos planetas aos sistemas estelares e desses a imensas galáxias, interligando todos os reinos e dimensões, seres e inteligências que os habitam.

Antes da recuperação desses conhecimentos pela memória coletiva, a humanidade precisou percorrer um longo caminho ora orientado pela fé, ora pela filosofia e ora pela ciência. Todas contribuíram e contribuem com seus paradigmas para a interpretação da realidade e dos fenômenos a nossa volta. A passagem da Antiguidade para a Idade Moderna, como tempos históricos, foi marcada pelo avanço do pensamento científico e de sua pretensa hegemonia na explicação dos fenômenos. Os pressupostos da ciência tomaram força com as descobertas das leis da dinâmica clássica por Isaac Newton (1642- 1727) que levou a uma concepção mecânica da realidade. O Universo passou a ser concebido como objeto, máquina de engrenagem ajustado a leis e princípios que seriam gerais e imutáveis. Esses princípios, aplicados à realidade física, dava-nos a sensação de controlar a natureza e tudo o que dela emanasse. Traduziam uma realidade estática, controlável, mensurável e previsível. As leis de Newton, tomadas como base para o avanço tecnológico e industrial da era moderna,

descreviam o movimento dos elétrons em relação à posição que ocupavam no espaço tridimensional, teoricamente invariável. A velocidade deste corpo só seria modificada em função das forças que atuassem sobre ele. Nesse contexto, o “homem”, detentor de um corpo mental, pensante, capaz de fazer escolhas e tomar decisões, seria o “senhor da criação”, uma espécie de “força propulsora” capaz de movimentar a natureza e modificá-la.

Com base na Razão e em suas pretensas capacidades mentais, o ser humano entendeu estar no topo da evolução das espécies e assim, estava apto a dominar e compreender qualquer fenômeno natural, fosse de natureza física, química ou biológica por meio do conhecimento das leis, da ciência e da técnica.

Esse modelo de pensamento que inaugurou a Idade Moderna, perdurou até o séc. XX, quando, com o avanço dos estudos sobre eletromagnetismo, o alemão Albert Einstein (1879/1955) percebeu que haviam situações em que essas leis e princípios não se aplicavam. Que haviam mais questões aleatórias nas relações espaço-tempo do que se podia imaginar. Muitas dessas situações dependiam do contexto em que ocorriam, especialmente em contextos minúsculos como átomos, moléculas e partículas. Einstein chamou esses “contextos” de “campos gravitacionais” e concluiu que dos seres cósmicos ao ser humano, incluindo as menores partículas do átomo, toda a expressão da matéria ou energia, produz um campo gravitacional que se torna uma marca personalizada, uma assinatura frequencial e vibracional que a distingue e identifica em toda complexidade do universo. Tais observações de Einstein reunidas às elaborações de Planck , Bohr , Rutherford e Schroedinger criaram as condições para o surgimento da teoria chamada “Mecânica Quântica”. Essa teoria procurava explicar a dinâmica dos sistemas que escapavam às leis da Mecânica de Newton, aplicadas à maioria dos fenômenos físicos conhecidos até então. Os sistemas divergentes eram impulsionados por um núcleo ou força central, tal como a estrutura do átomo que descreve o movimento de elétrons e outras partículas em torno do núcleo ou como os sistemas estelares, que descrevem o movimento de planetas e seus satélites, em torno de uma estrela central. A

Teoria Quântica propõe formas de calcular a probabilidade de se encontrar elétrons, partículas e outros eventos em uma região qualquer do espaço. A complexa equação de Schroedinger seria uma dessas formas para se chegar a um resultado satisfatório, sempre levando em consideração múltiplas probabilidades.

Niels Bohr (1885- 1962) – físico dinamarquês ganhador do Nobel de Física

Max Planck (1858-1947) – Nobel de física, criador da constante de Planck e da lei da radiação térmica, bases para o surgimento da Física Quântica

Erwin Schroedinger (1887-1961) – austríaco Nobel de física com a equação Schroedinger, que descreve a evolução temporal do estado quântico de um sistema físico.

Ernest Rutherford (1871-1937) – Físico e químico neozelandês criador da Física Nuclear.

As contribuições no campo da física quântica permitiram que a ciência avançasse na compreensão de fenômenos e possibilidades reconhecidas pelos estudos místicos desde a antiguidade. Alquimistas e metafísicos já tratavam desses fenômenos e admitiam a existência de uma força cósmica, gerida por uma Mente central, diversas mentes ou inteligências superiores, mas que podiam, por meio da Vontade e do conhecimento, controlar e dar “forma” a essa energia proveniente da natureza quântica do universo. Algumas vertentes falam de UM CRIADOR, outras de vários criadores. A própria Bíblia, no Livro do Gênesis, revela que para criar o Mundo, D’us, o Criador, acionou inteligências auxiliares, os sete Elohim, ou arcanjos que passaram a figurar na hierarquia dos criadores da Forma. Em outros panteões como o egípcio, grego, celta, nórdico e na maioria das culturas xamânicas, o processo de criação do universo resultou da ação de múltiplas divindades, cada qual emprestando uma qualidade, atribuindo sua marca ou assinatura vibracional específica para criar os mundos. Filósofos espiritualistas, desde os tempos pré-socráticos, admitiam a existência de um princípio inteligente anterior à criação. Divergiam quanto à natureza deste princípio e sua posterior dinâmica: seria UNA como defendia Aristóteles, ou MÚLTIPLA, como defendia Heráclito? A concepção baseada na existência de um Criador, ou

Deus Único, remete a um modelo hierárquico na organização do universo. Não nega a existência de outras forças e potestades participando da ação criativa, mas afirma que tudo refrata de uma ÚNICA FONTE, que é a coordenadora de tudo, a razão de tudo e para a qual tudo irá retornar. Essa FONTE CRIADORA, nesta concepção, seria onisciente, onipresente e sempiterna. O Universo teria princípio, meio e fim. O fim seria o retorno a unidade, à Fonte Suprema.

A contribuição da ciência para a compreensão atualizada da energia e suas diversas manifestações é um campo muito vasto e ainda em processo. Para o campo do que podemos chamar “moderna alquimia” algumas contribuições são especialmente relevantes e dignas de nota. Por exemplo:

- A constatação de que a matéria é formada por partículas micro atômicas (fótons, elétrons, quarks, grávitons etc.) e que essas possuem natureza ondulatória e interferem no movimento umas das outras;
- A percepção da existência dos Campos Gravitacionais e de que nesses campos tais partículas só poderiam ocupar um certo número de estados energéticos fixos e que elas trocariam energia por meio de pacotes ou campos menores, batizados de **quanta**. (o fóton passa a ser o quanta das ondas de luz);
- A constatação do Princípio da Incerteza: devido à natureza ambivalente e caótica dessas partículas, é impossível conhecer simultaneamente sua posição e sua velocidade – não há mais certezas e sim, probabilidades;
- A constatação da influência do Observador; a simples existência de um observador, interfere e altera o resultado do experimento, seja com partículas ou com outros objetos. O conhecimento do observador ou sujeito sobre um dado da natureza poderia modificar a própria natureza;
- O surgimento da “Teoria das Cordas” de John Schwarz, Michael Green e Yoichiro Nambu, induz a entender que o universo não é formado por pontos em um espaço-tempo de quatro dimensões. Eles estendem essa possibilidade e supõem um mundo de dez dimensões em que minúsculas cordas, medindo um decilionésimo de centímetro, vibram nessas dez dimensões para

formar todas as partículas do modelo padrão do universo cujo holograma seria a origem de tudo o que conhecemos;

De acordo com a teoria das Cordas, teríamos as quatro dimensões do espaço-tempo previstas por Einstein acrescidas de seis outras dimensões presentes no princípio do universo. Isso daria uma possibilidade de dez dimensões por meio das quais a energia tomaria forma. Interessante essa mesma ideia ser encontrada em antigas tradições que explicam o “modus operandi” da criação do Universo, como um processo de “descida” do “sopro” Divino, ou Luz, até sua manifestação material na esfera terrestre. Esse modelo é registrado na Cabala Judaica, nas dez “sefirot” ou esferas da “árvore da vida”. Encontramos o mesmo formato multidimensional como protótipo da criação dos mundos, na mitologia nórdica, nas esferas da *Ygdrasil* ou árvore de Odin e ainda na mitologia céltica, por meio de uma árvore cósmica que descreve o entrelaçamento dos mundos.

O fato é que com a teoria das cordas a ciência nos fala da possibilidade de múltiplos universos. De acordo com essa teoria, não faz sentido falarmos num universo único ainda que infinito, mas numa infinidade de prováveis mundos ou multiversos. Da mesma forma, ao constatar a possibilidade de que a simples presença de um “observador” é capaz de alterar o movimento aleatório de uma partícula e induzi-la a tomar uma trajetória Y em vez de X, a ciência corrobora com o argumento já posto no livro dos Vedas, nas “Estâncias de Dzyan” e na própria Bíblia, de que existe “UM OBSERVADOR” no Universo coordenando a criação de tudo. Existe a possibilidade de um Criador, um arquiteto, ou design, coordenando princípios inteligentes no universo de forma a estruturar tudo o que existe.

Mas, a humanidade, nascida e criada nesse processo, herdaria o poder criador de sua origem? Poderíamos ser cocriadores, dando continuidade à obra iniciada pelo “Grande Arquiteto” chamado também o “Ancião dos Dias”, Deus, Alá ou o “Vigilante Silencioso”? É ainda a Física quântica que nos pode auxiliar nessa resposta. Para explicar o comportamento bizarro das

partículas quânticas haviam duas interpretações distintas: a de Copenhague, defendida pelo dinamarquês Bohr, postulava a existência de uma nuvem de probabilidades para descrever os possíveis “estados” ou posições dessas partículas, e a de Budapeste, defendida pelo húngaro John von Neumann, segundo a qual as possibilidades de trajetórias e velocidades das partículas existiam em múltiplos universos. Enquanto os defensores da interpretação de Copenhague enfatizavam nossa inerente limitação para detectar os fenômenos e agir sobre eles (pois as observações geram o colapso da nuvem de probabilidades em um único estado), os que acreditavam na interpretação de Budapeste afirmavam que as medições, e o conseqüente colapso, só ocorrem de fato dentro do cérebro observador. Seria, portanto, nossa mente quem faz as partículas do universo adotarem um determinado caminho e não o outro, uma posição e não a outra.

Enquanto a ciência começou a desvendar os segredos da formação do universo e a teorizar sobre a possibilidade de multiversos somente a partir do Séc. XX, Jalal ad-Din Muhammad Rumi, poeta e místico Sufi do Séc. XII, já descrevia em linguagem mística e poética todo o mistério que envolve o movimento e a dança das partículas de energia em seu belíssimo Poema dos Átomos.

Poema dos Átomos (Rumi)

Oh dia, desperta!

Os átomos dançam.

Todo o universo dança, graças a e eles.

As almas dançam possuídas pelo êxtase.

Te sussurrarei aos ouvidos,

Para onde te arrasta essa dança.

Todos os átomos no ar e no deserto parecem possuídos.

Cada átomo, alegre ou triste,

Segue apaixonado pelo sol.

Não há nada mais a dizer.

Nada mais.

Capítulo 2

Formas: Deus geometriza

“Deus geometriza”, dizia Pitágoras em uma de suas surpreendentes reflexões sobre a relação entre a criação do mundo, os números e as formas geométricas. Para os pitagóricos, os números eram considerados a expressão perfeita de uma ideia e constituíam as melhores ferramentas para descrever o processo de formação do mundo desde a Unidade. O Um era o princípio de tudo e, quando contemplou a si mesmo, gerou a dualidade – o dois. Da união dessa primeira relação de antagonismo surgiu uma terceira força, o ternário – o três, e assim por diante até o infinito.

Geometria, em sua composição semântica, significa “medir a terra”, traduzir em números o resultado concreto da arquitetura concebida pela Mente Cósmica. Por meio da geometria, a mente humana, restrita às dimensões do Microcosmo, poderia alcançar um nível de abstração que lhe permitiria compreender os padrões projetados pela Mente Cósmica na dimensão do Macrocosmos e que explicariam a criação da terra e sua relação com o universo.

O termo “Geometria Sagrada” surge a partir do interesse místico em compreender as ligações entre as proporções e formas contidos no microcosmo e no macrocosmo para então conceber a Unidade que permeia toda a vida.

A Emissão da Mente Divina cria sequências, ritmos, ciclos, que constituem padrões pictográficos de luz. Esses padrões instituem as Formas-Pensamento Divinas, irradiações de cor e de som.

Pitágoras foi um dos grandes precursores da Geometria Sagrada. Para ele o Universo se expressava em números e todas as coisas nascem do Um.

A harmonia e unidade nas formas da criação são observadas desde a antiguidade. Os grandes construtores de templos e catedrais, desde os egípcios, perceberam essas características e tentaram projetar esse mesmo padrão em suas obras.

Mônada: o princípio e a causa de todas as coisas é a unidade - a causa – o Um

Díade: surge da instabilidade e insatisfação da Mônada – a divisão - o Dois

Tríada: Resulta da união ou síntese entre a Mônada e a Díade – a ação - o Três

Quadrado: Resulta da estabilização entre os opostos e sua síntese – realização – o Quatro

A Tetrakys Pitagórica:

A Tetrakys pitagórica consiste no estudo do desmembramento do UM ao Quatro Sagrado. Mostra que o DEZ é o número perfeito, pois denota a síntese dos quatro primeiros números, origem de todos os outros. Representa a UNIDADE mágica e corresponde ao Tetragramaton Sagrado, composto pelas quatro letras que formam o nome de Deus na Cabala – I E V E



Considerações sobre a Geometria Sagrada:

De acordo com Drunvalo Melchisedek, em sua pesquisa sobre a Flor da Vida, nosso corpo obedece a padrões geométricos tri ou tetradimensionais vivos, ligados a uma espécie de "alfabeto geométrico divino" que ele define como uma pictografia que se apresenta em forma de mandalas de luz. É a ligação de todos os pontos energéticos de nosso corpo que nos insere num reino específico, que segundo o autor é o reino das almas humanas.

Essas ligações e os padrões que venham a assumir nos individualizam dentro desse reino. Tal constatação demonstra que toda a vida emerge de um mesmo padrão e de uma mesma fonte.

A Divina Presença em cada um de nós, também chamada “Eu Sou” é uma representação pictográfica de base eletrônica que constitui nossa assinatura energética. Nosso padrão original, concebido desde a criação, foi alterado pelos padrões das esferas existenciais pelas quais passamos até chegar à esfera material, quando então também recebe a influência de pensamentos e sentimentos acumulados nas sucessivas encarnações.

Uma das propostas de trabalho que chamamos “alquimia das formas e cores” é associar as frequências energéticas de sons, cores e formas da geometria sagrada para restaurar o padrão geométrico original de nossa alma, de acordo como foi concebido pelo Criador.

Somos Cocriadores?

A mente no plano físico também cria “formas pensamento”, nem sempre positivas. Também criamos vícios, doenças e obsessões. Desencadeamos uma sucessão de fatos ruins por meio de um simples pensamento. Como curar esses padrões gerados no plano físico e refinar a comunicação com a consciência superior?

A Ideia e a Forma:

Platão, filósofo grego que viveu na Grécia Clássica entre os anos 427 a 347 aC, concebia que as formas abstratas ou ideias eram anteriores às formas concretas. Sua filosofia se baseava na concepção de uma dimensão superior, transcendental que ele chamava o Mundo das Ideias, onde residem as formas ou modelos ideais de todas as coisas. Essas formas ideais, ou arquétipos, constituem o modelo a ser seguido pela mente humana em seu ato de criar, projetar e viver no mundo físico.

Assim como Pitágoras, Platão também considerava a geometria como a linguagem mais clara para descrever o Plano Metafísico ou o Plano das Ideias. A raça humana só poderia adentrar esse plano metafísico por meio da RAZÃO, atributo supremo da MENTE.

Portanto, desde a antiguidade clássica que se tem conhecimento que é por meio dos atributos da mente que alcançamos o domínio e a criação de todas as circunstâncias e formas do Mundo Físico.

Pensamento, imaginação, clareza, concentração, razão, lógica e abstração, são alguns dos atributos da mente que conhecemos e utilizamos, e com os quais podemos concretizar situações, realizar milagres, criar e transformar a realidade física. Um dos grandes segredos alquímicos é que a realidade física é uma projeção “coagulada” ou concretizada daquilo que concebemos no plano das ideias.

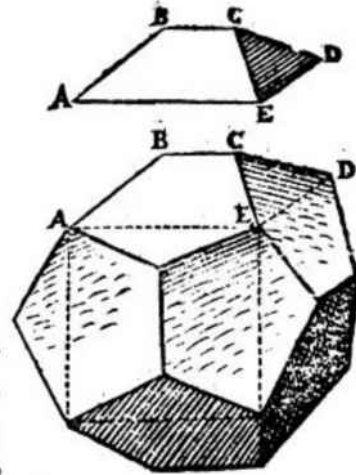
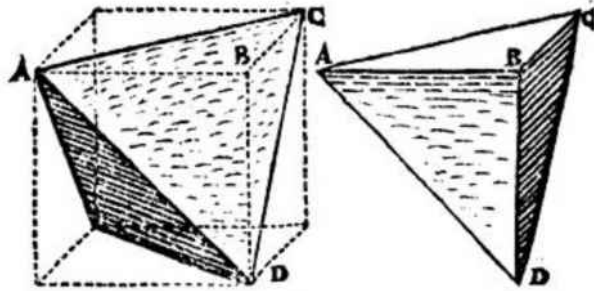
Os sólidos platônicos

Na geometria sagrada assim como na comum existem cinco formas que são consideradas essenciais para a compreensão de todo traçado geométrico. São os sólidos platônicos. Essas figuras têm as seguintes características: suas faces são todas do mesmo tamanho; as arestas são todas do mesmo comprimento; os ângulos internos são da mesma medida e, por fim, ao serem colocados dentro de uma esfera, todos os pontos irão tocar a superfície da esfera.

Apenas cinco figuras atendem a essas características, simultaneamente: o Cubo ou hexaedro (seis faces), o Tetraedro (quatro faces), o Octaedro (oito faces), o Dodecaedro (12 faces) e o Icosaedro (20 faces).

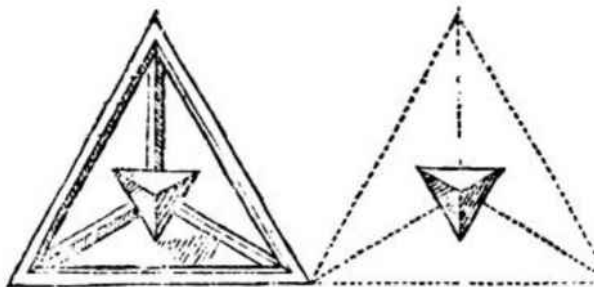
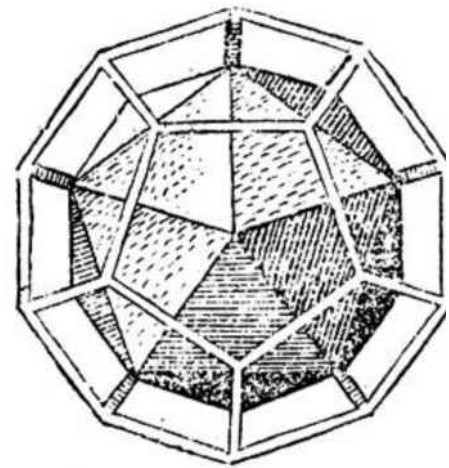
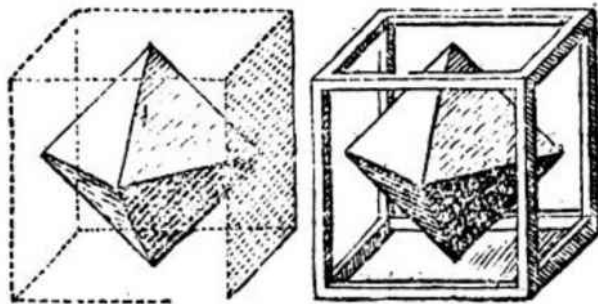
HARMONICIS LIB. V. 18

ædris irregularibus, quibus tegitur Cubus intus. Huic succedit Icosa



ædron 4. ob similitudinem, ultima secundariarum, angulo solido plurilineariter utentium. Intimum est Octoædron 5. Cubi simile, & prima figura secundariarum, cui ideò primus locus interiorum debetur, quippe inscriptili; uti cubo circumscriptili primus exteriorum.

Sunt autem notabilia duò veluti conjugia harum figurarum;



diversis combinata classibus: Ares, Cubus & Dodecaædron primarijs; fœminæ, Octoædri & Icosiædron ex secundarijs;

“*Harmonices Mundi*” é uma obra do século XVI escrita pelo astrônomo austríaco Johannes Kepler na qual ele aborda as relações de harmonia e congruência entre as formas geométricas e os fenômenos físicos. No primeiro capítulo do livro descreve os polígonos regulares ou sólidos platônicos criando uma analogia com os cinco elementos formadores das condições físicas da Terra: terra, fogo, água, ar e cosmos (ou éter).

De acordo com Kepler, Deus criou o Universo a partir de um plano inteligente ou um traçado geométrico que pode ser compreendido por meio da Razão. A razão é um atributo essencial da mente que nos dá a capacidade de alcançar respostas por meio de premissas sustentadas por verdades supremas, incontestáveis.

Ao estudar os polígonos regulares, Kepler descobriu que cada um dos cinco sólidos platônicos podia ser inscrito e circunscrito de forma única por esferas celestes; aninhando-se estes sólidos, cada um envolto por uma esfera, cada um dentro do outro, produzia-se seis camadas, correspondentes aos seis planetas conhecidos — Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter e Saturno. Ao ordenar os sólidos corretamente — octaedro, icosaedro, dodecaedro, tetraedro, cubo — Kepler descobriu que as esferas podiam ser posicionadas em intervalos correspondentes (dentro dos limites de acurácia das observações astronômicas disponíveis) ao tamanho relativo de cada trajetória planetária, assumindo-se que os planetas giram em torno do Sol. (In https://pt.wikipedia.org/wiki/Johannes_Kepler.)

A Árvore da Vida

A Árvore da Vida é uma metáfora simbólica que, em síntese, representa a descida da Consciência do plano ou esfera mais sutil, o AIN SOFF, descrito como a Fonte Suprema até a décima esfera do Reino, ou Malkut, de consistência física, que seria a própria Terra. No caminho, de Kether à Malkut, a energia divina ou “orvalho de luz” vai se revestindo de camadas mais densas até o estágio da matéria, propriamente dito.

De forma pictórica, a estrutura a “Árvore da Vida”, descreve o trajeto da “queda” da alma humana em um corpo físico assim como do próprio planeta terra, como esfera de exílio para os “anjos caídos”. Cada uma dessas esferas representa os “Dez Atributos da Divindade”, com os quais devemos nos harmonizar, reconhecer e introjetar em nossa consciência. Com isso podemos estabelecer o caminho do regresso no processo evolutivo de ascensão ou retorno à Fonte. Esses caminhos também revelam a descida do “orvalho de luz” oriundo da Fonte, que podemos chamar de Chi, Ki, Prana, Éter, Ód ou Força Vital.

Atributos da Árvore da Vida

KETHER = Coroa - Atributos: Poder, Vontade

CHOCHMAH = Sabedoria – Atributos: Conhecimento, Inteligência, Discernimento

BINAH = Compreensão – Atributos: Amor, afinidade

HESED = Misericórdia – Atributos: Compaixão, perdão

GEBURAH = Justiça – Atributos: Rigor, Carma

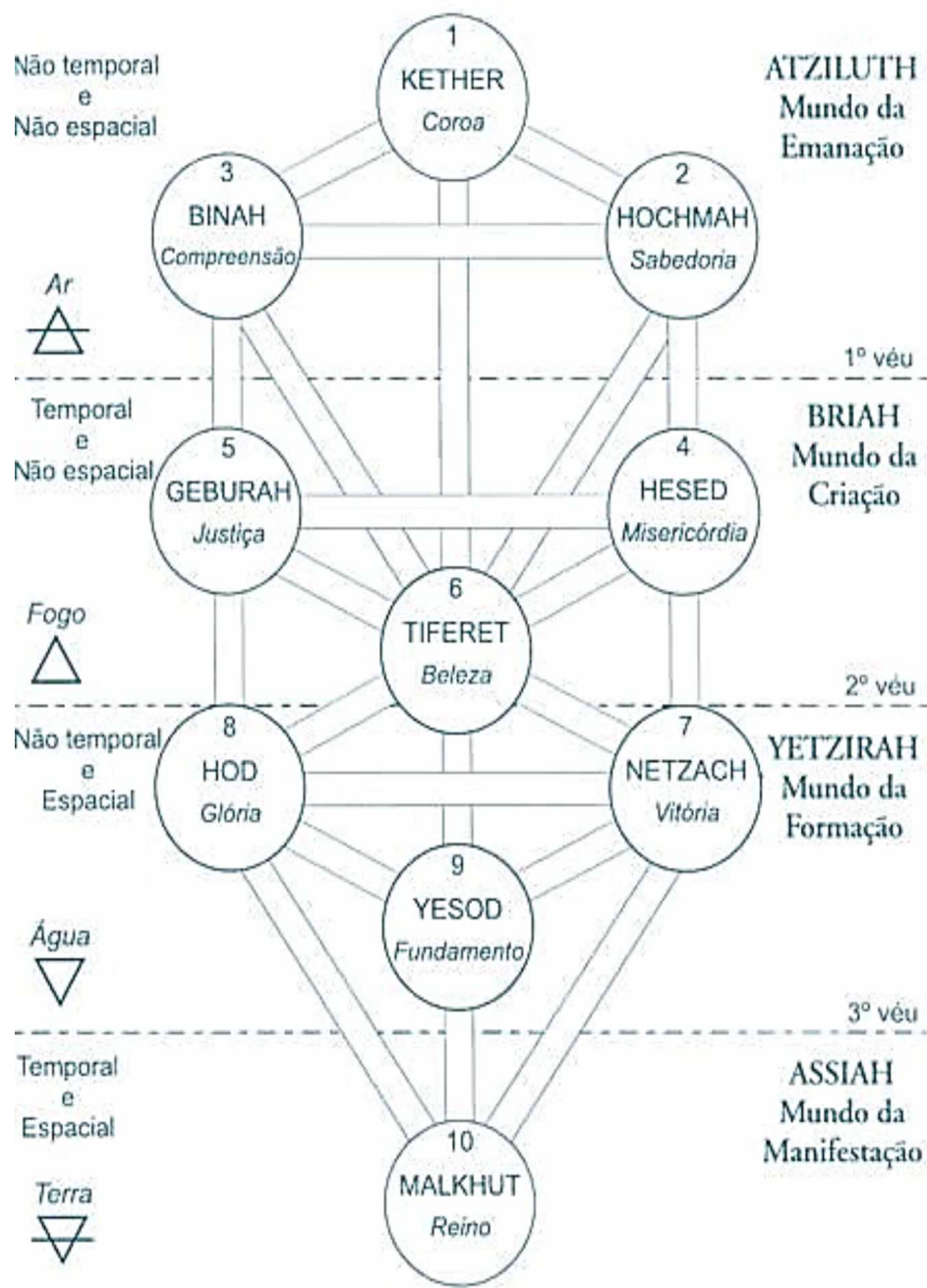
TIFERET = Beleza – Atributos: harmonia, leveza, carisma

NETZACH = Vitória – Atributos: Coragem, persistência

HOD = Glória – Atributos: Honra, esplendor

YESOD = Fundamento – Plano Astral

MALKHUT = Reino – Plano Físico - Terra



As Formas da Geometria Sagrada:

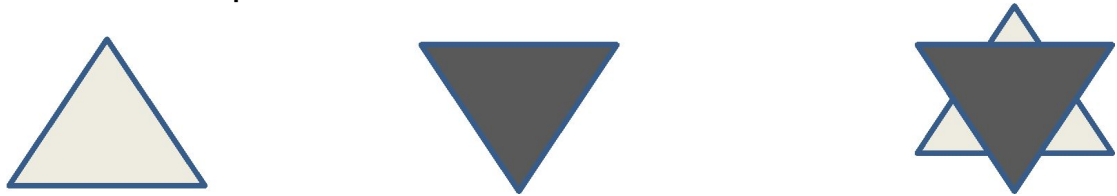
O “Fruto da Árvore da Vida”, ou Cubo de Metatron é a origem de todas as formas da Geometria Sagrada e Plana com as quais trabalhamos no Universo Místico. As principais figuras no plano são:

- MÔNADA (Uno) : o início, a origem, a fonte, o UM (consciência mineral)
- DÍADE: o reflexo, a oposição, o complemento, a DUALIDADE (consciência vegetal)
- TRIANGULO (Ternário): a projeção, a ideia, a resposta, a SÍNTESE (consciência animal)
- TÉTRADE (Quaternário): a concretização, a matéria, a REALIZAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HUMANA
- PENTAGRAMA: novo início, a evolução, o poder, a VONTADE (consciência Angélica)
- HEXAGRAMA: perfeição, equilíbrio, a HARMONIA (consciência Cósmica)

A Linguagem oculta das formas:

As formas geométricas foram usadas pelos antigos estudiosos da Cabala e do Ocultismo para representarem leis cósmicas que possibilitam entender o funcionamento do Universo e suas relações com a vida humana. Pitágoras, por exemplo, chamava o ser humano de Microcosmos e o Universo de Macrocosmos. Assim, por analogia, para entender o universo bastaria estudar a vida humana. Esse pensamento está grafado no hexagrama, estrela de 6 pontas ou Estrela de Davi e revela um dos princípios de Hermes Trimegisto (1330 aC): “ O que está em cima é como o que está em baixo e o que está em baixo é como o que está em cima, para revelar os milagres de uma só coisa...”

O Hexagrama é formado por dois triângulos regulares entrelaçados, um para cima, representando o Macrocosmos e o outro para baixo, representando o Microcosmos.



O Ternário, Trindade ou Triângulo representa as forças da Criação: Pai , Filho, Espírito Santo; Osíris, Isis e Hórus; Corpo, Alma e Mente. Pitágoras, segundo Papus (1865 – 1916) considerava cada ternário como uma unidade perfeita. Deriva daí, talvez, o mistério da Santíssima Trindade – três pessoas formando uma entidade perfeita, única - Deus.

*“O Ternário brilha em cada canto do Universo,
E a Mônada é o seu princípio.”* (pensamento de um oráculo de Zoroastro)

“Os opostos têm entre si um intermediário resultante exatamente deles”. O neutro é o resultado da ação recíproca entre o termo ativo e o passivo.

O ser humano precisa atualizar em si mesmo, em sua consciência, todas essas etapas da criação para continuar sua evolução até a condição suprema – a consciência do anjo – a condição cristal que revela o Cristo em nós.

CAPÍTULO 3

Criação: a modulação das Formas

A Energia Essencial:

O poder do pensamento sobre as formas e as ideias é reconhecido desde a antiguidade. Não se faz nada sem pensar antes, nem que seja por uma fração de segundos. O pensamento é a base de toda ação criativa e isso quer dizer que tudo o que existe materialmente é precedido de uma representação mental. Platão se referia ao “mundo das ideias” como um espaço privilegiado e única realidade possível, da qual, a realidade física seria apenas uma imagem imperfeita.

Pensar é o atributo da mente humana que mais nos aproxima do Criador. Por isso somos orientados a dominar os pensamentos por meio de técnicas de meditação e concentração para que possamos construir formas-pensamento que produzam efeitos positivos em nossa realidade física. Toda forma-pensamento é uma entidade real que pode vir a se manifestar fisicamente, dependendo da força e do poder de concentração de seu criador. Trata-se, de fato, de uma construção mágica ou alquímica, quando realizada de forma consciente. Para criar formas no plano das ideias e essas se tornem entidades vívidas no plano astral e posteriormente no físico, o pensamento age sobre um substrato energético ou energia essencial, conhecida entre os alquimistas como quinto elemento, éter, substância Ód, “agente mágico”, “luz astral” e que os indianos chamam Prana e os orientais Ki ou Chi.

Essa energia permeia todo o universo e seus diversos planos ou mundos. Hoje cientistas falam em “buracos de minhoca” que seriam túneis abertos nas camadas energéticas do hiperespaço, de forma a permitir viagens interplanetárias para além dos limites do espaço e do tempo.

Com nossos antepassados bíblicos aprendemos que também é possível à consciência humana transpor essas barreiras, e, da

mesma forma que sofremos a “queda” original em termos energéticos, também podemos ascender à Origem ou Fonte Criadora, utilizando veículos energéticos apropriados, criados pela força do pensamento imbuída do desejo de Ascensão. Mas, antes de entender como funcionam esses veículos, precisamos aprofundar a compreensão sobre forma-pensamento.

Forma-pensamento:

Muitas formas-pensamento são produzidas inconscientemente e têm a duração e a qualidade do sentimento que as produziu. Magos e feiticeiros de maneira equivocada ou não, podem utilizar essas formas inconscientes para produzirem os efeitos que desejam em seus trabalhos de magia. Mas não é disso que trataremos aqui. Existe um preceito antigo que convém ser observado em todo trabalho alquímico que é “a criatura sempre volta ao criador” mesmo que seja uma criação, espontânea, equivocada ou inconsequente.

Toda criação mental tem efeito real e deve ser realizada com consciência e responsabilidade. Nunca de forma egoísta e sempre dedicada ao benefício de todos. Só então podemos ser reconhecidos como cocriadores da Mente Cósmica, colaboradores do Plano Divino.

Os elementos da Mente Divina estão configurados no Triângulo Superior da Árvore da Vida, que revela o Mundo Causal ou o mundo das causas.

Kether = Desejo = Vontade

Binah = Imaginação = Conhecimento

Chokmah = Visualização = Sabedoria

O Plano da Criação Divina:

No plano da Criação Divina, a vontade do Criador é emanada da Trindade Superior e percorre as sete esferas da Árvore da Vida, passando por revestimentos de energia até sua manifestação física

na esfera de Malkut, a esfera física - o Reino, o planeta Terra. Da emanção da Vontade do Criador até a manifestação podemos enumerar quatro etapas:

Emanção – Organização – Formação – Manifestação

Tudo o que existe no Universo decorre desse processo, dos sistemas estelares à própria humanidade, que reflete a imagem do Criados.

O Plano da Criação Humana:

O plano da Criação Humana segue um roteiro semelhante, simplificando a sua esfera de atuação que parte do Plano já manifestado.

Desejo – Imaginação – Visualização – Manifestação

O Desejo:

“O primeiro princípio da arte que cultivamos é o desejo”, diz Saint Martin, estudioso e fundador da Ordem Martinista. Sem o estímulo do desejo não se faz o esforço necessário para conhecer e executar tudo o que se precisa para chegar ao objetivo esperado. Os Cabalistas também consideram o desejo essencial para o desenvolvimento humano. Sem ele quedaríamos estagnados. O desejo é, portanto, o estímulo necessário a execução de qualquer obra seja material ou espiritual. Ele surge das necessidades básicas do ser humano, como alimento, proteção e procriação, passa pela necessidade de receber e dar amor e evolui até o desejo de religar-se ao Criador.

Na Cabala o desejo é concebido em duas categorias:

- O Desejo de Receber só para si;
- O Desejo de Receber para Compartilhar.

O Criador apenas compartilha, a criatura (até um determinado ponto de sua evolução) apenas recebe. Ao desenvolver o desejo de receber para compartilhar, a criatura passa a exercer parte de sua natureza divina. Torna-se cocriador. Ao se revestir dessa qualidade de desejo que o torna cocriador, o ser humano precisa avançar nas técnicas, conhecimentos e saberes que irão permitir manifestar suas criações, em todos os campos.

De acordo com Nowicki e Brennan (2001, p.88), o desejo é “essa determinação ou necessidade” que se torna o principal mecanismo da forma-pensamento mágica. Dizem eles que, para que essa magia se realize, o desejo precisa ser cultivado “tão intensamente na mente, no coração e nas entranhas que cause ondas de antecipação fortes o suficiente para perturbar a plácida superfície da matéria astral. “

Assim como possuímos um “ímpeto criador”, capaz de nos permitir obter aquilo que desejamos, se tivermos as técnicas e conhecimentos suficientes, também possuímos uma espécie de “guardião” interno, ou consciência vigilante, que sabe que há coisas que não nos estão destinadas e que não nos faria bem possuí-las. O desejo, qualificado pela vontade de compartilhar é o caminho mais seguro para não ultrapassar esses limites.

“Uma pessoa que ascende, transforma todos os desejos terrenos em desejo pelo Criador. Gradualmente, uma luz chamada *Ohr Makif*, que constantemente envolve uma pessoa, começa a brilhar para ela, de modo que ela consegue uma solicitação pelo espiritual, com a ajuda desta luz, usando um desejo bem mais forte que todos os outros desejos. E finalmente, com o auxílio desta mesma luz, a pessoa atravessa a *Machsom* e recebe a intenção de doar. Apenas a luz superior do Criador é capaz de elevar assim uma pessoa; fornecer-lhe a resposta para todos os seus esforços humanos pelo espiritual, trazê-la para o estado em que o desejo pelo espiritual é tão grande

que não a deixa cair no sono e suplanta todos os demais desejos.” (Lições da Cabala - http://www.kabbalah.info/brazilkab/talks/talk_03.htm)

Forças Motrizes:

Desejar, imaginar e visualizar são as forças motrizes para a criação de quase tudo. Desde a realização de um desejo concreto à criação de formas-pensamento num exercício mágico. A capacidade de IMAGINAR o que se quer e, em seguida, VISUALIZAR o desejo concretizado são etapas importantes deste exercício. A qualidade do impulso ou motivação do desejo, que emana da alma do criador, também é uma força motriz que irá influenciar a qualidade da forma que está sendo criado. Esses fatores podem produzir vibrações desde as mais pesadas às mais sutis e serão reveladas por meio das cores, da estética da forma e até do som que emitem.

“Sob este impulso, o corpo projeta uma parte vibrante de si, moldada pela natureza das vibrações, assim como figuras feitas na areia por um disco vibrando com uma nota musical, e infere-se isso pela matéria da atmosfera do ambiente com sua natureza sutil vinda da essência elementar do mundo mental. Temos assim a forma-pensamento pura e simples, uma entidade viva de atividade intensa animada pela ideia que a gerou.” (BESANT, A & C.W. LEADBEATER – Formas-pensamento: Criações mentais por meio da matéria fluídica – Madras, São Paulo, 2015, p.19)

Modulação da Energia-pensamento:

Vimos assim que o desejo dá o impulso ou motivação que gera determinada energia que pode ser manipulada de forma

consciente ou inconsciente. Com a evolução da consciência humana sob a orientação dos Mestres da humanidade, a condição de cocriador da realidade ou realidades assim como a responsabilidade que advém sobre qualquer efeito daquilo que criamos, fica cada vez clara para todo discípulo em desenvolvimento. Há que se ter o controle sobre as emoções. Há que se cultivar em si mesmo, os princípios expostos nas dez Sefirot da Árvore da Vida, e transformar-se numa espécie de dínamo, ou seja, um artefato canalizador das energias oriundas dos dois polos representados pelo céu e pela terra.

Os canais por onde fluem as energias telúrica (IDA) e solar (PINGALA), são ajustados e filtrados pelos Chacras. Os Chacras são os portais por meio dos quais essa energia dual flui em nosso organismo físico, por meio de uma infinidade de meridianos que compõem o corpo energético. Esse complexo, quando perfeitamente alinhado, permite o “casamento alquímico” entre o céu (forças cósmicas) e a terra (forças telúricas) gerando um FILHO, o “EU SOU”.

A consciência do “Eu Sou” se manifesta num perfeito padrão de cores e ondas de luz, que ouvimos chamar de dínamo ou BASTÃO DA VONTADE DIVINA.

Tornamo-nos então num artefato que condensa energia sutil em forma de ondas. Essas camadas de ondas múltiplas vibram como asas. Desse nível em diante a consciência humana fica em perfeita comunhão com a Consciência Cósmica. Torna-se um cocriador consciente, capaz de modular a energia, produzir formas-pensamentos de alto padrão energético, veículos de ascensão e desdobramento e coloca-los em ação para o cumprimento do Plano Divino – a ascensão da humanidade e do próprio Planeta Terra.

Recentemente temos ouvido muito o termo “modular energia” no lugar de “manipular energia”. Pensando a respeito concluímos que “modular” refere-se a seguir um *design* já definido, fora das disposições egóicas, enquanto que manipular implica sempre numa intenção pessoal, numa intervenção proposital. A tentação de manipular de acordo com o nosso julgamento deve ser contida no trabalho de cooperação com o Plano Divino.

As Emanações da Forma:

Quando falamos em emissores de frequências vibracionais pensamos logo em sons, cores, odores e até sabores. No entanto, não podemos esquecer que formas também emitem ondas e que estas podem atingir diferentes frequências que podem ser boas, neutras ou nefastas. Não é à toa que os antigos construtores de templos, castelos e espaços sagrados ou de poder davam especial atenção à arquitetura de seus projetos. Usavam formas especiais em seus traçados, sempre adequadas à finalidade da construção. Assim, a maioria dos templos, pirâmides, catedrais, túmulos, palácios, domos, mesquitas, quartéis e até cidades, eram concebidos a partir de formas que reforçavam as funções às quais se destinavam.

Os estudos radiestésicos permitem medir e avaliar a qualidade das emanações oriundas das formas, estejam estas em forma de objeto físico, como uma casa, por exemplo, ou em forma de traçado, como símbolos, mapas, plantas de arquitetura, projeto ou fundação. De acordo com o radiestesista e alquimista Daniel Fidélis, em seu curso Radiestesia Clássica e Cabalística, as ondas de forma são ondas de pequena energia. Seus estudos sobre as "ondas de forma" estão baseados no Livro "Ondas de Vida, Ondas de Morte" de Jean de La Foye. Esses estudos garantem que as ondas de forma já eram estudadas nas obras de Chaumery e Belizal publicadas em 1939 e 1956, e podem ser detectadas e corrigidas por meio de instrumentos radiestésicos. Os gráficos da radiestesia, assim como alguns elementos químicos, as formas geométricas e os sólidos platônicos, possuem propriedades de forma capazes de corrigir ondas negativas, ou padrões energéticos corrompidos.

O potencial curativo das formas ficou mais evidente a partir do estudo das Formas da Geometria Sagrada que são curadoras por natureza. São inspiradas nos padrões originais emanados da Mente do Criador quando iniciou a criação do Universo e emanou o Fiat Lux desde a Fonte Suprema. Na antiguidade, surgem desde o Egito e estão incluídas nos ensinamentos de Platão, dos primeiros

geômetras e de grandes artistas e arquitetos. As formas da geometria sagrada são as matrizes dos símbolos de cura que são sintonizados atualmente em diferentes métodos. A Flor da Vida é a matriz principal. Nela estão incluídas todas as outras formas.

Essas formas servem de base à formulação de gráficos radiônicos, assim como outras estruturas de forma usadas na radiestesia: a pilha radiestésica, o pêndulo Egípcio, o pêndulo esférico, a pirâmide, as placas de cobre e etc.

Muitas terapias usam as emanções de forma para equilibrar a energia emanada de um corpo que esteja doente ou em desequilíbrio. Uma terapia atualmente pouco divulgada mas muito eficaz e que julgo que no Brasil tenha sido a precursora de processos de cura por meio da forma é a Alquimia das Pirâmides Coloridas que foi desenvolvida pelo casal Aline e Osiris, na Cidade das Pirâmides em Lumiar, Nova Friburgo, RJ no início da década de 80. Tratava-se de um curso de 13 etapas entre vivências e iniciações que levavam em torno de um ano e meio. Era baseado nos ensinamentos teosóficos e da Grande Fraternidade Branca e os conteúdos distribuídos em ressonância com o corpo energético que estivesse sendo ativado naquela etapa: ou seja, corpo físico, astral, mental concreto, mental abstrato, causal, espiritual e Átmico, incluindo em seguida suas oitavas superiores. O trabalho com as pirâmides ia acontecendo em paralelo com as iniciações e apoiava-se no pressuposto que a pirâmide é um disporitor poderoso de onda de forma. A forma piramidal une as propriedades criativas expressas no triângulo com a força concretizadora do quadrado. O Vértice da pirâmide funciona como um ímã que puxa e condensa a energia cósmica essencial (Ki) que está sendo atraída e armazenada em seu interior. Pode ser vista, portanto, como uma cápsula energética que pode funcionar como um grande laboratório alquímico, um escudo protetor ou uma nave espacial, um verdadeiro portal de milagres.

No trabalho de alquimia com as pirâmides coloridas, é a cor que dá o tom ou a qualidade do trabalho que será executado. O executor do trabalho, ao fazer suas invocações e pedidos, constrói formas de pensamento que vão se fixando e alimentando o poder

emanado da pirâmide. A forma piramidal é muito fácil de ser mentalizada e podemos colocar-nos sobre elas, envolver pessoas, locais ou situações. A recitação constante das invocações indicadas, obedeciam um ciclo de 7, 14, 21, 28 dias e assim por diante, sempre em múltiplo de 7. De acordo com a Lei do Ritmo, essa recitação reforça as formas mentais tornando-as mais fortes e capazes de obedecer ao nosso comando ou intenção.

Depois passamos a conhecer outros métodos de cura vibracional como Reiki, Shamballa Multidimensional Healing, Apometria Quântica e Cura Quântica que também usam a emanção de formas conduzidas, agora, por intermédio de um complexo de símbolos específicos e também revelados a partir de um processo de sintonização e que podem ser utilizados para curar desequilíbrios, corrigir padrões e frequências e restaurar o potencial energético.

O trabalho do terapeuta de todas essas linhas depende, inicialmente, de uma diagnose eficaz do tipo de desequilíbrio energético que a pessoa, local, situação ou objeto esteja emitindo. As técnicas de diagnóstico energético mais utilizadas com sucesso são a radiestesia e a astrologia. A radiestesia pode fazer a leitura do campo áurico por meio do pêndulo, do aurameter, dual ROD ou bastão atlante. Esses instrumentos também podem indicar os meios mais eficazes de correção, conduzindo-os por meio da mesa radiônica, remédios e gráficos radiestésicos.

Já na astrologia utiliza-se o mapa astral para detectar os padrões desafiadores e também a forma como a consciência objetiva reconhece e lida com esses padrões. Um mapa astral, que podemos chamar de "terapêutico", deveria conduzir a pessoa a esse reconhecimento, para que ela mesma possa procurar a cura e a harmonização. A primeira forma a ser curada é o próprio corpo mas essa cura deve ser conduzida desde a alma.

Após a diagnose vem o tratamento e esse pode mesclar ou fazer interagir diversas terapias. Todas baseadas em notas frequenciais que objetivam a correção das emanções de ondas negativas. Então, junto às técnicas de cura multidimensionais podemos juntar terapias vibracionais diversas como: aromaterapia,

cromoterapia, alquimia das pirâmides coloridas, alinhamento energético com cristais, sons harmonizadores, mantras, florais e etc.

Importante lembrar que toda "forma" é um campo vibracional condutor de informações específicas. Quando estamos carregados de "informações" negativas, ficamos doente e apresentamos desequilíbrio em diversas áreas de nossas vidas. É muito importante fazer a limpeza do campo antes de aplicar qualquer técnica de correção. Essa limpeza se realiza sempre de dentro para fora e requer a participação consciente da pessoa em tratamento. É a alma que precisa se levantar e dizer "quero me curar", "quero sair da roda e retomar meu par asas". Sem essa intenção consciente, qualquer tratamento se torna um mero lenitivo temporário, seja na medicina convencional ou na medicina integrativa. Os símbolos de cura multidimensional têm o potencial quântico de penetrar nas mais ínfimas dimensões da anatomia energética que interliga nossos corpos, do físico ao espiritual e ao átomico. Esses símbolos ultrapassam a barreira do tempo e do espaço e podem agir como corretores de memórias e de padrões danificados, desde que haja uma permissão consciente e alinhada ao comando do Eu Superior. Da mesma forma, os símbolos podem produzir a cura e a harmonização, ao atuarem como condutores das novas informações. Toda cura é quântica, mesmo a produzida pela medicina tradicional, pois ela só ocorre de forma eficaz quando o corpo e a consciência aceitam e incorporam as informações emitidas pela "onda" da forma, curadora ou harmonizadora. Desse ponto em diante todo o campo vibracional muda com a frequência das novas informações e o sujeito passa a ser de fato, um renascido.

O Design Divino:

Entre as formas que compõem o projeto do Design Divino para a Nova Terra estão os símbolos sagrados que recebemos desde o início dos tempos e que cada vez mais conseguimos conceber-los em sua estrutura tridimensional. Entre eles podemos citar todos os sólidos platônicos desde a pirâmide ao dodecaedro. A

pirâmide certamente é a forma-pensamento mais fácil de ser criada pela mente humana. Seu uso na alquimia de transformação e cura foi muito divulgado nos anos 80 e é muito simples.

Ainda presentes nesse Design Divino estão os símbolos do Reiki, da astrologia, da radiestesia, da apometria quântica do tarô e muitos outros que ainda estão sendo revelados. Símbolos e hieróglifos que nos chegaram desde a antiga Atlântida, Lemúria e Antigo Egito e que nos foram legados por nossos ancestrais, por diversos meios, desde pinturas rupestres, a escrituras, textos velados, artefatos e arte sacra.

Fazendo um aprofundamento do Reiki no método conhecido como Shamballa Healing, somos informados que existem mais de trezentos símbolos propostos pela mente cósmica e nem todos foram ainda canalizados pela consciência humana. Com o refinamento de nossa compreensão, tais símbolos e sua utilização irão sendo revelados. Harmonização cósmica, meditação e prática são os caminhos para essa revelação.

Capítulo 4: Alquimia: transmutação entre Formas e Cores:

Algumas palavras sobre alquimia:

Alquimia, dizem os antigos mestres, é a arte de produzir "aumento das vibrações". Um fenômeno de natureza vibracional conduzido pelos atributos da mente e do qual decorrem transmutações que podem afetar a estrutura, as condições e a manifestação de realidades tanto no microcosmo, a nível celular, molecular e quântico, como no Macrocosmos, a nível cósmico, universal e multidimensional.

Gregg Braden*, em seu livro "A Matriz Divina" diz que estamos cercados de um "mundo maleável" e à nossa "própria lavra". Estamos cercados de uma essência cósmica, vibracional, sobre a qual podemos "lavar" nossas criações, imposições, medos e desejos. Trata-se, segundo ele, de uma "antiga rede de energia", uma "matriz divina" que guarda todas as realidades e eventos possíveis. No entanto, essa "matriz divina" com a qual a ciência atualmente concorda é o mesmo Akasha dos magos e iniciados brâmanes, a mesma essência "mater." dos alquimistas e é, por fim, a mesma "tábua" onde Moisés lavrou as leis conforme as recebeu do Criador.

Lavar, laborar, criar, manipular, modular... Para a alquimia não importa o verbo e sim a ação. É possível agir sobre essa essência cósmica ou "matriz divina" e assim o fazemos todos os dias, na maioria das vezes de forma inconscientes. Ao resultado inconsciente chamamos azar, sorte, castigo ou milagre. Culpamos ou agradecemos forças exteriores sem nos dar conta que é de dentro de nós que parte o "ímpeto" gerador de todas circunstâncias com as quais nos envolvemos.

Antes de tentarmos definir "alquimia" como uma ciência precursora da Química dos nossos dias, temos de entendê-la como uma arte que procurava desvendar os mistérios da natureza, da criação e da própria origem da vida, por meio de práticas e estudos que envolviam princípios cósmicos, dogmas da magia, observação,

investigação e experimentação. Era uma arte de natureza tão refinada e exigente que seus praticantes precisavam reunir qualidades muito acima do comum além de uma série de conhecimentos que iam das estrelas ao átomo, do átomo aos elementos e desses à matéria e aos seres vivos. A partir desses elementos procuravam as chaves da vida eterna e do reino interno, capaz de devolver à raça humana o acesso aos portais do Paraíso Perdido e à lapidação perfeita de seu Ser Interno.

Embora tenha sido uma prática comum aos sábios, filósofos e pensadores da Idade Média, as raízes da Alquimia se perdem na origem dos tempos. Os princípios que fundamentam o trabalho alquímico desde seu limiar foram revelados ainda no antigo Egito, por Hermes, o Trimegisto, ou o “Três vezes Grande”. A figura de Hermes, bem como sua origem, segue um mistério até os dias de hoje. A história corriqueira o identifica como sacerdote do antigo Egito, associado ao deus Thoth. Thoth era o deus dos escribas e responsável por revelar a vontade e os desígnios dos deuses. Era comum a esses sacerdotes sofrerem “arrebatamentos” e serem levados “aos céus” para receberem as “leis supremas”. No panteão greco-romano, Thoth é associado à Hermes ou Mercúrio, chamado o “Mensageiro dos Deuses” e que realiza o mesmo papel. Podemos supor, então que o nome “Hermes Trimegisto” refere-se não a uma pessoa, mas a uma casta de sacerdotes incumbidos de, ao longo do tempo e, em diversas culturas, revelar a vontade dos deuses, suas leis e segredos.

As “leis herméticas” associadas à Hermes Trimegisto foram provavelmente reveladas ao mundo desde a Lemúria ou Atlântida. A origem das escolas iniciáticas reporta-se à Atlântida, passando pelo Egito, Grécia e chegando ao Ocidente até os dias de hoje. Todas estão, em essência, ligadas à Grande Fraternidade Branca, seguem seus preceitos e são depositárias de tradições, verdades e conhecimentos sagrados aos quais se propõem velar e ocultar do mundo profano até o dia em que este esteja pronto a receber e compreender toda a verdade.

Edouard Schuré (1986), autor do livro “Os grandes iniciados” encontra as origens de Hermes nas eras remotas dos grandes

Manus, sacerdotes iniciadores da humanidade. Seria ele, possivelmente, um representante da união das raças lemuriana e atlante. Essa transição teria ocorrido na região da Etiópia e do Antigo Egito. A associação mais próxima é com o Manu Enoch, patriarca Hebreu, sétimo depois de Adão, que viveu em época anterior ao grande dilúvio, revelou as chaves e caminhos dos “sete céus” e depois ascendeu aos céus sem passar pela morte.

O continente lemuriano teria existido durante toda pré-história e abrigado a primeira raça de “filhos dos deuses” que estão registrados na Bíblia como “gigantes” ou nephilins, filhos dos anjos caídos com as filhas dos homens. Esse continente sucumbiu devido às catástrofes ambientais, mas deixou marcas físicas e também culturais, encontradas no Egito, na Ilha de Páscoa, América Central, África e etc. Schuré consagra Hermes ou Thoth como “o primeiro iniciador do Egito nas doutrinas sagradas”. Segundo ele, a raça negra sucedeu à raça austral no domínio do mundo e fixou suas bases culturais, materiais e sagradas na região do Alto Egito. Hermes seria, então, um título ou um nome genérico, que identificaria um grupo de sacerdotes responsáveis pelas primeiras revelações e decodificação das leis divinas:

Designa simultaneamente um homem, uma casta e um deus. Homem, Hermes é o primeiro e grande iniciador do Egito; casta é o sacerdócio, depositário das tradições ocultas; deus é o planeta Mercúrio, comparado com a sua esfera a uma categoria de espíritos, de iniciadores divinos: - em uma palavra, Hermes preside às regiões supraterrrestres da iniciação celestial. (SCHURÉ, 1986:17)

A origem do nome HERMES TRISMEGISTO é grega. Os gregos o consideravam ao mesmo tempo rei, sacerdote e legislador. Por isso chamado, o “três vezes grande”. O poder atemporal atribuído a Hermes Trismegisto se instalou na era dos Reis-Sacerdotes, que reunia os atributos do sacerdócio, da magistratura e da realeza num só governante. Entre os egípcios, a saga dos reis-sacerdotes, cujo poder emanava, por via hereditária das potências celestes, “do Princípio-Fogo” e do “Verbo-Luz”, antecedia ao papiro

e à escrita fonética e desenvolveu-se ao lado da “ideografia sagrada” – os hieróglifos.

O importante é que a essa figura lendária foi atribuído um conjunto de obras que são a base do estudo e da prática da alquimia. “Tábua de Esmeralda”, “Corpus Hermeticum” e “O Caibalion”, são verdadeiros tratados que descrevem as leis e as etapas de trabalho místico.

Em “Corpus Hermeticum” estão descritos os Sete Princípios que fundamentam toda tradição mística do Ocidente, incluindo Alquimia, Magia, Astrologia, Radiônica e tudo que hoje faz parte do reconhecemos como Universo Quântico.

Fráter Albertus foi um estudioso Rosacruz que nos anos 60 lançou uma compilação de seus próprios experimentos e reflexões sobre a arte da alquimia revisada à luz dos avanços da ciência e dos estudos místicos. Ele é um dos responsáveis pela retomada do interesse por esta arte milenar e corrobora com nossos estudos quando diz que alquimia é “o aumento das vibrações”, um segredo que os antigos conheciam e que tem fundamental importância no processo de lapidação da alma humana.

Por isso mesmo, o estudo da alquimia está restrito àqueles que conhecem, praticam e respeitam determinadas leis que regem a circulação do fluido vital no universo. Para os alquimistas, o fluido vital é o “Grande Arcano”, o grande segredo. Os antigos, da época de Cagliostro, Avicena, Apolônio, Paracelsus e outros, entendiam a natureza como um organismo pelo qual esta força circula e por meio da qual adquire o poder de autorregeneração, criação e recriação.

O campo da natureza por muito tempo foi entendido como o campo em que o ser humano tinha ascendência primordial. Eram admitidos dois tipos de circulação neste campo. A circulação menor, que diz respeito ao reino herbáceo e a circulação maior, que diz respeito ao reino mineral. Na época em que esses estudos se intensificaram, o trabalho alquímico se concentrava no controle desse sistema duplo de circulação de energia, por meio do qual acreditavam poder realizar a “Grande Obra”.

Em síntese esse esforço se consistia em “transformar o vil metal em ouro puro”. Ainda hoje se trata de um processo profundo de purificação, purgação, amadurecimento e transformação que não se restringe ao domínio da natureza física externa, mas e talvez, principalmente, ao domínio de si mesmo. Portanto, em termos místicos, o conhecimento e a prática dos princípios da transmutação alquímica nos levam à lapidação interior, uma elevação da natureza primitiva de todo ser humano até a comunhão ou harmonização com sua natureza divina.

A natureza divina está presente no ser humano desde sua origem, mas foi contaminada, corrompida e sofreu transgressões durante o processo de queda e ajuste à esfera material – Malkut. Precisa, portanto, ser recuperada, lapidada, trazida à realidade e à ação. Homens e mulheres, após a transmutação alquímica, passam a agir como Deus, em conformidade com padrão de Deus. Retomam a estatura proposta nas frequências originais que foram concebidas pela Mente Divina no momento de sua criação e reassumem o controle do “Reino”.

Todo alquimista comunga com o princípio básico do “*Ora et Labora*”. Por meio da oração e meditação é possível “cultivar” o fluxo divino, o orvalho que alimenta os frutos da árvore da vida – o Chi, ki ou força vital. Meditar é sentir a “presença ativa de Deus em nós” e a alquimia é a arte de provocar o “aumento das vibrações”. É conjugando essas técnicas e por meio da prática que o alquimista canaliza e concentra a força necessária ao trabalho que se propõe – “transformar a matéria vil em ouro”. Concentração e atenção são os canais pelos quais a Energia Magna pode ser atraída ou precipitada do visível ao invisível. Ao conseguir isso, seremos “como deuses”. E não é nada menos que isso que o Criador espera de nós, que possamos realizar, no mundo físico, o plano divino da criação. Deus, o Criador, está sempre em ação e a criação é um processo que não tem fim. Seremos cocriadores quando finalmente assumirmos esse papel.

O antigo juramento, passado de mestre a discípulo, nas escolas de formação em Alquimia, ainda reverbera nos dias de hoje, para os que seriamente seguem essa arte:

*“Regozijarás se receberes de mim, amanhã
O Sacramento abençoado neste Juramento,
Evitando revelar o segredo que te revelarei,
Por ouro ou prata durante toda a vida,
Pelo amor à família ou dever ao nobre,
Seja pela escrita ou pela fala efêmera,
Comunicando-o apenas àquele
Que jamais buscou os segredos da Natureza?
A ele podes revelar o segredo da Arte,
Sob o Manto da Filosofia, antes da tua morte. “*

(in Fráter Albertus - Guia Prático de Alquimia, Pensamento, 1974:20)

A Filosofia é o manto que abriga os buscadores do Grande Arcano, os seres de boa vontade que trabalham para aliviar a miséria física e espiritual da humanidade. Este segredo, o Grande Arcano, quando alcançar grande parte da humanidade, formará a “massa crítica” ou o coletivo necessário para a realização da Grande Obra: transformar a terra na “Nova Terra” ou pátria celeste e conduzir o ser humano à estatura do Cristo.

Mas, se a Filosofia como campo de conhecimento e técnica é o manto que nos protege da ignorância e do desconhecido, o caminho, no entanto, deve ser o “coração”. O saber, dizia Paracelso, não está armazenado em um só lugar, mas disperso em toda superfície da terra. Isso funda o princípio do universalismo da ciência ao mesmo tempo em que exorta o cultivo de qualidades básicas e inerentes a esse modo de pensamento: a humildade de saber que é impossível dominar todo o conhecimento do mundo, e a pureza de espírito para poder reconhecê-lo e encontrá-lo em qualquer parte ou situação que se ofereça em nossas vidas. Não há manto que proteja um coração “degenerado”, corrompido por orgulho, vaidade e ambição. É preciso atentar que nenhum conhecimento por si só tem o poder de modular ou mesmo dirigir os fluxos do “orvalho divino”, “energia magna” ou “energia vital”. Tampouco nos permite acessar os sistemas de circulação dessa energia na terra, no cosmo e no microcosmo. Somente um coração puro, ungido por sentimentos sinceros e verdadeiros, pode enfim realizar a obra alquímica.

Um coração que passou pelo “fogo do cadinho” e dominou o dragão interno, pode dizer a si mesmo “Assim na terra, como no céu; seja feita a Vossa Vontade e não a minha”.

Um outro importante conselho do Fráter Albertus é que não devemos tirar da ignorância, do estado de “não saber” ninguém que não solicite ou demonstre estar preparado a respeito dessas leis. Pois a ignorância, de certa forma, é uma benção para alguns. É um escudo que protege o ser humano de suas ações e sentimentos.

Já o conhecimento é a Pedra Filosofal, o caminho para desvendar os mistérios do Universo e de si mesmo. Dele resultam as transmutações nos planos superiores cujos efeitos se revelam sempre no plano físico. Também o destino de cada ser humano refletirá a forma como aplica essas leis e esse conhecimento em sua própria vida.

A Alquimia, segundo Paracelso, deve ser aprendida e apreciada porque ela é o caminho para se distinguir o “falso” do “Verdadeiro”. De acordo com ele, os que se dedicam à prática alquímica possuirão a “luz da natureza” e poderão “provar todas as coisas”.

Somente a maturidade espiritual de quando atingirmos a "estatura do Cristo" pode nos levar a recuperar o padrão original que nos torna unos à criação, sermos “filhos” do “pai”, o “Eu Sou o que Eu Sou”. Jesus Cristo foi o maior de todos os alquimistas. Enfrentou a fúria do mar, comandou os elementos, transmutou a água em vinho, fez o sopro vital retornar a Lázaro, dominou o mal em seu próprio coração e venceu a cruz ascendendo à eternidade. Com isso indicou-nos um caminho. É na “linguagem do coração” que está a chave de todos os segredos. Ao dominarmos essa linguagem os milagres estarão disponíveis. Cultivaremos a “kavanah” – intenção - como semente preciosa para um novo mundo. Por intermédio dessa linguagem falaremos com os "anjos", pois estes são emissários divinos presentes em cada quantum que compõe o universo e também em cada célula do nosso Ser.

As Etapas do Trabalho Alquímico:

A busca dos antigos alquimistas se resumia em três objetivos essenciais: dominar os segredos da transmutação do metal em ouro; encontrar o Elixir da Longa Vida e alcançar a consciência Cósmica ou reintegração universal. Dessa forma, seu trabalho ia além de manipular substâncias e encontrar o princípio fundamental ou substância mater. Essa manipulação era um exercício exterior que estimulava ou ativava uma transformação interior, que também ocorria em fases. De modo geral, a operação alquímica passa por sete fases que podem ocorrer ou de forma de concomitante ou separadas e não necessariamente na ordem que colocamos aqui. Fases apropriadas não só à esfera material das substâncias, mas também às esferas filosóficas de obtenção do conhecimento e a espiritual de evolução da alma. Tais fase conhecidas como:

1. Calcinação – é a passagem pelo fogo do cadinho, o momento de fervura ou depuração;
2. Sublimação: mudança de estado sólido para líquido
3. Solução/Solver: fase em que se realizam as misturas e se combinam os elementos
4. Putrefação/Fermentação: quando ocorre a morte ou decomposição de elementos que não resistem à fase da fermentação – também conhecida como fase do NIGREDO
5. Separação/Destilação: é a separação dos elementos sutis dos mais grosseiros. A matéria grosseira é devolvida à terra enquanto que a sutil eleva-se ao céu.
6. Coagulação: deposição dos resíduos obtidos durante a destilação para compor solução em estado coloidal
7. Tintura/União: obtenção do “elixir” a partir da potencia superior de cada substância usada na operação

É um trabalho que envolve paciência, dedicação e sensibilidade e que devemos conceber como etapas que ocorrem e se repetem ao longo da vida ou vidas até que tomemos consciência. A expressão mística “a noite negra da alma” ilustra o momento em que essa consciência nos atinge, quando estamos exatamente no

“fundo do poço”, um estágio em que a alma confronta a si mesmo. Seria uma ilustração da fase do “nigredo” (decomposição), seguida da fase de “albedo” (purificação) durante as quais teremos a oportunidade de deixar “ir” ou morrer as partes que não são mais necessárias a nossa evolução e reconhecer aquelas que devemos alimentar. Se aceitarmos esse desafio estaremos diante da possibilidade das fases finais que completam o ciclo de ascensão da alma: o despertar e a iluminação.

Alquimia das Formas e Cores

Desses estudos concluímos que formas e cores estão interligadas pela mesma fonte de energia, e que podem ser manipuladas por nossas consciências por meio do “ímpeto criador” que todos nós possuímos como herança Divina. No universo manifestado encontramos as formas primárias contidas no “fruto da Árvore da Vida” em todos os reinos criados: mineral, vegetal, animal e humano.

O mesmo ocorre com as cores, pois somos o prisma humano para a consciência divina. As cores também expressam frequências vibratórias que qualificam as formas dando-lhes um novo tom. Quando estamos sob a influência de uma cor passamos a vibrar qualidades semelhantes. Na radiestesia ou em outros trabalhos com formas energéticas, a cor é um adendo que potencializa ou agrega informações para se atingir o objetivo esperado: o que está em foco ou a intenção



As cores são impressões que captamos da luz e que se manifesta por meio de um espectro.

Quando usamos o processo alquímico como inspiração para um trabalho de formas e cores estamos admitindo que esse processo ocorre em todos os níveis da consciência, incluindo o quântico. Um nível em que atuamos por meio da energia e suas frequências vibracionais. A energia é o que resulta da desintegração

da matéria e, ao mesmo tempo é o que lhe dá forma. Está portanto, incluída na dinâmica "*solve et coagula*", que resume o ciclo do estado de decomposição ao estado de "iluminação". Iluminar é trazer à luz às partes que estavam na obscuridade. É, em termos de correção energética, desintegrar os padrões negativados que regem nossa vida e nos devolvem sempre às mesmas circunstâncias, em padrões luminosos, capazes de nos libertar, despertar, transmutar e alcançar a iluminação

O mais importante nesse trabalho de alquimia com formas e cores é entender que a energia da qual falamos é a energia essencial cósmica, por meio da qual, as inteligências criadoras modularam a criação dos universos e tudo o que os compõem, seja do mais sutil ao mais espesso. É ainda no aprofundamento dos ensinamentos da Cabala que encontramos alguma luz na dinâmica quântica do Cósmico com seus múltiplos universos e mundos, ligados em espiral por pontes de energia, ou "buracos de minhoca".

Na Cabala, Aziluth, Briah, Yetzirá e Aziah, representam, respectivamente:

1. AZILUTH - O Mundo das Emanações,
2. BRIAH - o Mundo das Criações,
3. YETZIRÁ - o Mundo das Formações e
4. AZIAH - o Mundo das Criações Materiais.

Esses mundos estão entrelaçados de tal forma que a esfera Kether de Asiah é o Malkut de Yetzirah e assim sucessivamente. Como habitantes do planeta Terra nós vivemos num campo magnético cujo limite é o Sol - o Logos Solar - no Mundo de Yetzirah.

Segundo Alice Bailey, este campo limitado é chamado pelo Mestre Djwhal Khul de o "**círculo-não-se-passa**". Nós, seres humanos, mesmo confinados a esse círculo, somos também um complexo sistema, um microcosmo, que se revela do mais sutil ao mais espesso. Da mesma forma, também podemos agir nesse

campo à medida em que nossa consciência se amplia e adquire maior compreensão de nossa trajetória.

Quando encarnamos, seguimos o trajeto descendente da Árvore da Vida, descendo nossa consciência do Plano Divino, a Fonte, o Eu Sou, até tomar uma forma física, em Malkut, - como uma personalidade humana, o Ego. O Sistema que liga o “Eu Sou” divino, no qual “somos” o Anjo Solar, ao Ego terreno, é multidimensional, interligado por “pontes” que descobrimos a cada uma das Iniciações que experimentamos, para refazer, de forma consciente, o caminho da ascensão.

Quanto mais ascendemos nossa consciência, mais ganhamos suporte para a concentração da energia cósmica e mais nos tornamos “semelhantes” aos deuses, no sentido de modular essa energia em formas e cores que irão influir em situações reais da vida humana. Nenhuma forma, seja criada pela mente cósmica ou pela mente humana, é neutra. Ela está sempre revestida de significado, informações, projeções, sonhos e desejos. De qualidade positiva ou negativa, resultam de um processo alquímico, consciente ou não e após serem postas em ação somente uma poderosa vontade contrária, poderá detê-las.

Capítulo 5

Símbolos: os Construtores de Pontes

A questão desse último capítulo é: como refazer as pontes que nos religariam à Fonte Divina e nos reconduziriam a estar em conformidade com as Normas do Criador? Quais são as formas que nos conduzem a essa harmonização?

Os símbolos energéticos são construtores de pontes. Eles sintetizam leis primordiais e a sua força está justamente nesta compreensão. Contemplá-los é criar uma ponte entre o “eu interior” e o “anjo solar” que detém o conhecimento do propósito de nossa alma. Eles são compostos geralmente das formas básicas da geometria sagrada, já citadas anteriormente, em conjunção com letras, números e cores.

Alguns alfabetos são sagrados pois suas letras conjugam ideias completas ou traduzem leis, em geral emanadas da mente cósmica. São exemplos de línguas sagradas, o sânscrito, o hebraico, o tibetano, o aramaico, etc. Neste sentido, o exercício de contemplar uma letra sagrada é, por si só, um exercício de harmonização e cura. Mesmo que nosso Eu objetivo desconheça os princípios emanados no traçado daquela letra, o Eu Superior conhece, se identifica com os códigos e os traz para seu campo energético. Corpo e espírito se beneficiam desta prática.

O Reiki, por exemplo, é um sistema de cura e harmonização que utiliza *Kanjis*, ideogramas compostos pelo tibetano, sânscrito, chinês e japonês clássico. Outros sistemas de cura que evoluíram após o Reiki também se estabeleceram a partir de códigos e formas simbólicas mais complexas, organizadas para atuar diretamente nos corpos energéticos de forma a desobstruí-los e harmonizá-los.

No campo da geometria sagrada, as formas geradas desde o ponto primordial até a complexidade da Flor da Vida, emitem vibrações que buscam ressonância com o nosso corpo energético, atuando por meio dos Chacras. Quando nos conectamos com essas vibrações, permitimos que ressoam em nossos múltiplos corpos de forma a corrigir os desequilíbrios, as frequências corrompidas e os padrões negativados que influenciam nossas condições de vida e

nossas relações. A frequência vibracional desses símbolos com os quais conectamos nos ensinam o caminho para a reconexão com os fundamentos e com o propósito de nossa alma.

Para concluir este trabalho indicamos a seguir algumas formas essenciais para contemplação e reflexão. Tenham em mente que mesmo não sendo compreendidas em sua profundidade, o simples fato de contemplá-las em estado meditativo desperta em cada um de nós o “conhecedor” interno, aquela porção inconsciente que tudo sabe e tudo vê. Um passo importante para a evolução da consciência e o reajuste da alma aos padrões originais da Criação.

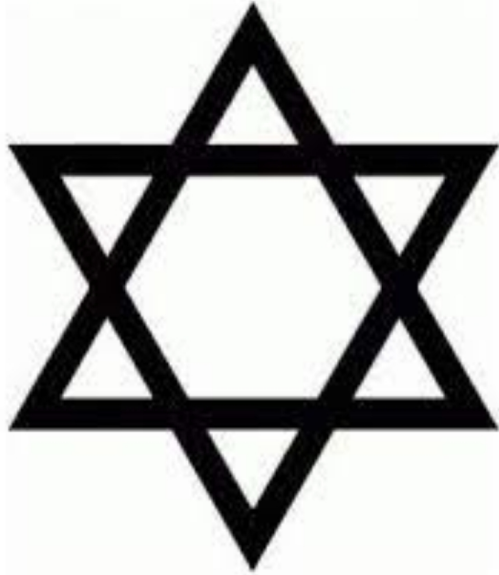
Algumas formas especiais:

O Pentagrama ou estrela de Cinco Pontas:



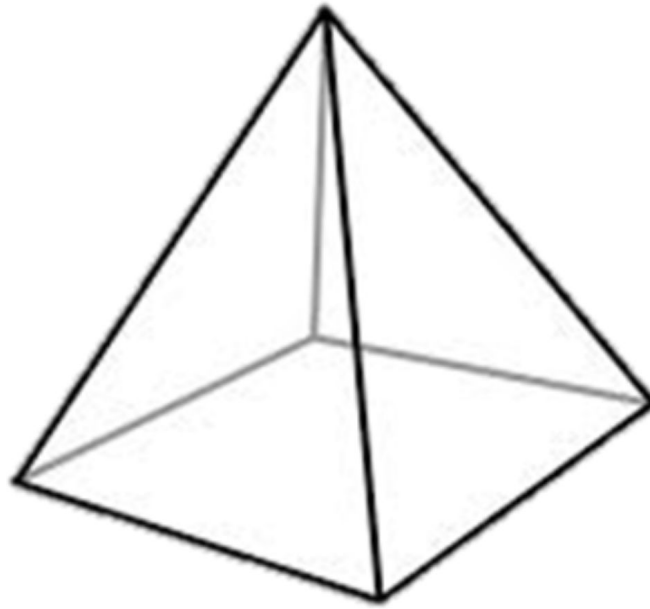
O Pentagrama ou estrela de cinco pontas ou Estrela de Davi é um selo representativo do ser humano integral, que atingiu a consciência de si e o domínio das circunstâncias a sua volta. Em síntese, seria a representação do Mago, o Arcano número 1 do Tarô. Representa não só o controle sobre a natureza e os quatro elementos, mas sobre si mesmo e as circunstâncias da vida. Simbolize a ascendência do espírito sobre a matéria e da razão sobre a emoção. Um domínio alcançado por meio do discernimento e da inteligência. Usado na radiestesia e em sigilos mágicos para atrair proteção, poder sobre energias negativas e trazer esclarecimento.

Hexagrama, Estrela de Seis Pontas



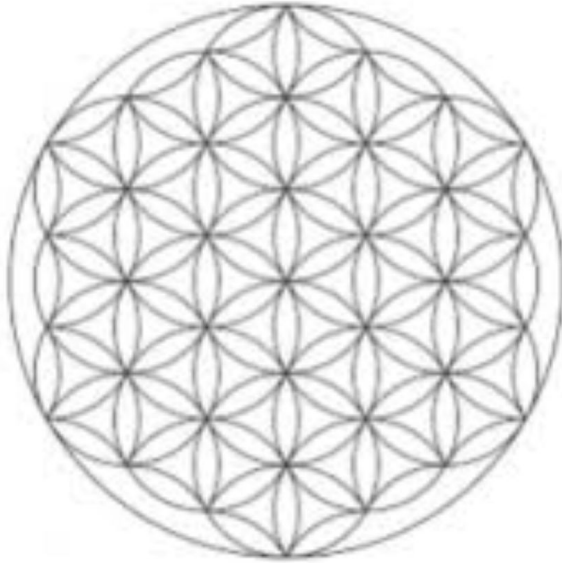
O Hexagrama ou Selo de Salomão é a estrela de seis pontas que, simbolicamente, sintetiza a Lei Hermética “Assim em cima como em baixo”. Representa o equilíbrio entre os planos superiores e inferiores, entre o “céu” e a “terra”, entre a matéria e o espírito ou entre a razão e a emoção. É um selo poderoso que representa um avanço da consciência em comunhão com a consciência cósmica. A vontade humana em equilíbrio com Vontade Divina. É exatamente como testemunho da possibilidade de equilíbrio entre a humanidade e D’us, que esse selo adquire um enorme poder em pantáculos, sigilos ou no uso radiestésico. Tem a propriedade de trazer equilíbrio em situações adversas.

Pirâmide



A Pirâmide reúne a força de duas formas poderosas: o quadrado e o triângulo. Representa o poder de manifestação de uma ideia ou de um projeto no plano físico. É um dos sólidos platônicos mais fáceis de ser visualizado. Sua estrutura permite canalizar forças ou energias superiores para uma determinada situação ou objetivo a ser alcançado. Os antigos acreditavam que a força canalizada pelo ápice da pirâmide era tão forte que poderia conservar a força vital e a forma do que quer que fosse colocado dentro dela. Com base nisso, serviu de túmulo aos nobres do Egito e de outros povos, que queriam conservar o corpo e seus objetos para a vida eterna. Muito utilizada para meditação e canalização da energia cósmica essencial para revitalizar, energizar e inspirar ações e resultados.

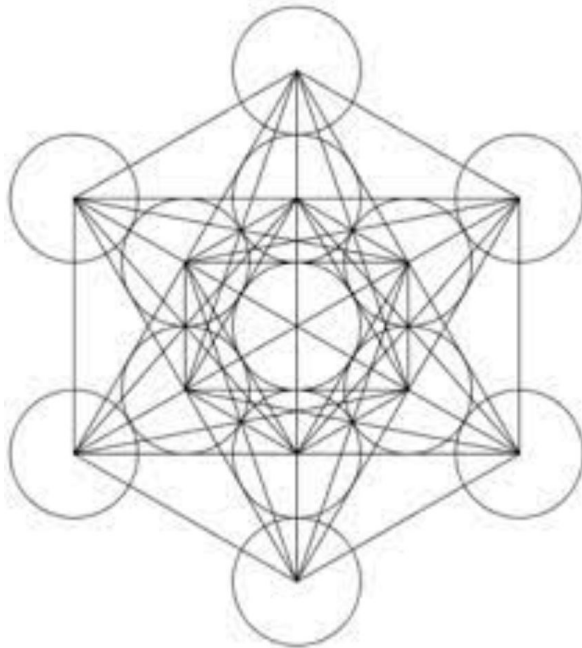
Flor da Vida



A Flor da Vida é a rede ou teia por onde flui a semente, orvalho da vida ou fluxo vital que dá origem a todos os universos e mundos. Representa o entrelaçamento dos Mundos ou esferas da Criação desde AZILUTH até AZIAH. Ali se encontra a Árvore da Vida em todas as suas oitavas e dimensões.

Essa figura ou diagrama cósmico contém todas as outras figuras sagradas. Nela circulam a luz e a sombra, mas seu todo reflete a harmonia universal.

Cubo de Metatron



O Cubo de Metatron é uma forma da geometria sagrada também conhecida como “Semente da Árvore da Vida”. Reúne em si todo o poder da Criação e é a base para a formação de outras geometrias derivadas. Todas as informações emanadas da Fonte Criadora por ocasião do “Sopro Divino” estariam contidas em sua estrutura. Uma forma indispensável para o processo de autocura pois nos harmoniza com os padrões originais do Plano Divino.

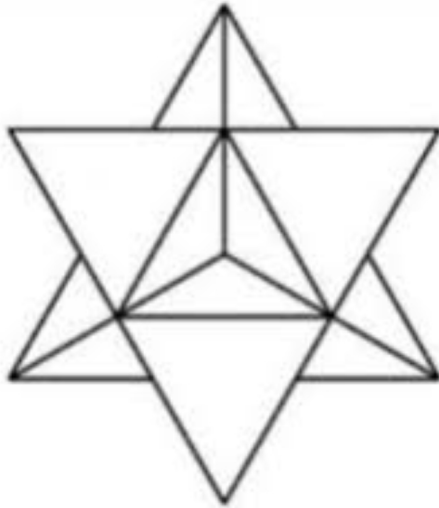
Ao contemplarmos ou meditarmos com essas duas formas, entramos em sintonia com as frequências mais elevadas, oriundas do Ain Soff, o Mundo das Emanações e assim despertamos, ou ativamos os padrões originais que nos foram destinados como propósito de nossas almas.

Metatron

Metatron, de acordo com a Cabala Judaica, é o anjo supremo, o mais próximo de Deus e que recebeu o comando da hoste dos Serafins. É conhecido como “Príncipe da Face”, “Príncipe

do Rosto Divino” ou “Anjo do Pacto”. Alguns estudos revelam o Anjo Metatron como o primeiro resultado da evolução humana. Entre sucessivas reencarnações teria sido o lendário Melquisedeque, rei de Salém, conforme narrado na Bíblia. Teria sido também o Profeta Enoch, Sétimo Senhor do Mundo na linhagem de Adão. Enoch foi o pai de Matusalém que gerou Noé, o condutor da Arca. A lenda revela que foi arrebatado aos céus, após andar com Deus por 365 anos. Uma longa vida na qual deixou “filhos e filhas”, ensinamentos e leis que dão base à tradição cabalística. Na face dupla de Metatron percebemos a dualidade expressa entre a vida e morte, a luz e a sombra. Sua condição angélica, adquirida após a Grande Iniciação, lhe proporcionou domínio direto sobre a Árvore da Vida, podendo, portanto, decidir sobre a vida e a morte. O anjo Metatron detém o controle sobre o “orvalho de luz” que flui da Árvore da Vida. Conforme as escrituras hebraicas a manipulação desse “orvalho de luz” pode operar a ressurreição dos mortos. Sua profusão permite fluir a força vital por todos os mundos.

Merkabah



O Merkabah

É a carruagem ou veículo de luz, conforme descrição do Profeta Ezequiel por ocasião de sua visão e arrebatamento ocorrido às margens do Rio Chebar ou Qebar (Ez:1: 4-6). Ele visualizou o “carro de Deus”, a Merkabah, no meio das nuvens como “um objeto brilhante, suportado em quatro rodas giratórias feitas de topázio”. Com esse veículo, Ezequiel pode ascender e contemplar os sete *Hekhalot*, palácios divinos, ou planos celestes, até chegar ao Trono e “ver” Deus, face a face.

Cabalistas e místicos da atualidade entendem ser possível ao ser humano, cuja alma atingiu etapas superiores de evolução, construir e ter acesso ao “corpo de luz” ou Merkabah, por meio do qual poderá locomover-se entre as esferas e mundos da Flor da Vida. Para isso precisa desenvolver alguns atributos: um coração puro e correto, a integridade de sua alma e o brilho do seu espírito.

Tomo a liberdade de sugerir aqui o filme “Fonte de Vida” (The Fountain, 2006) onde essa locomoção nas esferas do universo por meio de um veículo energético que ultrapassa barreiras do tempo e espaço, está lindamente ilustrado.

O Antahkarana ou “A Ponte do Arco-íris”



Uma das formas essenciais para a religação da alma O Antahkarana, ou a Ponte do Arco-íris é um símbolo muito antigo e talvez um dos mais importantes para a cura e integração do Ser. Por isso merece uma explanação mais detalhada. Tomando como referência o Dr. Joshua David Stone (Manual da Ascensão, p.47) o Antahkarana é um símbolo ancestral usado para a cura e meditação tanto na China como no Tibete por milhares de anos. Sua simples presença cria um efeito positivo nos chacras e na aura. Foi revelado por Helena Blavatsky e pelo mestre Djwhal Khul, o Tibetano, por meio de contatos telepáticos com Alice Bailey. Trata-se de um elemento essencial da anatomia do espírito e constitui uma tecnologia energética de ligação, ponte ou conexão entre o cérebro físico (personalidade), a Alma e o EU SUPERIOR, Anjo Solar ou Mônada.

Esta conexão precisa ser curada ou desenvolvida para que possamos ascender espiritualmente. A lembrança da conexão com a Alma, como pertencente à terra e ao Universo é ativada sempre que estamos na presença do símbolo que, neste sentido, funciona como um Yantra de purificação e evolução da consciência. Ao ser

desenhado sobre um papel dispara um efeito psíquico para além do espaço que cerca o desenho, indo influenciar a aura humana e seus portais, os chacras. Nesse momento ocorre a possibilidade da consciência superior assumir o comando e todos os chacras reassumirem seus padrões originais conforme o plano divino.

Referências:

- BAILEY, Alice – Los Rayos e Las Iniciaciones, Série Rayos, Vol. 5 – Fundacion Lucis, Buenos Aires, 1981
- BAILEY, Alice – Iniciação Humana e Solar – Association Lucis Trust, Genebra, 2008
- BAILEY, Alice – Um Tratado sobre Magia Branca ou o caminho do Discípulo – Fundacion Lucis, Buenos Aires, 2014
- BESANT, A & C.W. LEADBEATER – Formas-pensamento: Criações mentais por meio da matéria fluídica – Madras, São Paulo, 2015
- BLAVATSKY, H.P – A Doutrina Secreta, V.I Cosmogênese – Pensamento, São Paulo, 1973
- BLAVATSKY, H.P – A Doutrina Secreta, V.V Ciência, Filosofia e Religião - Pensamento, São Paulo, 1973
- MELCHISEDEK, Drunvalo – O Antigo Segredo da Flor da vida – Volume 1 e 2 – Pensamento, SP, 2000
- LAWLOR, Robert – Geometria Sagrada. Del Prado, Espanha, 1982
- NOWWICKI E BRENNAN – A Magia das formas-pensamento: um sistema comprovado de desenvolvimento mental e espiritual – Ed Pensamento, SP, 2001
- PAPUS – Tratado das Ciências Ocultas I – Edt Tres, SP, 1973

Sobre a Autora:

Karma Yeshe Drolma , nome adotado pela autora, é um nome de batismo recebido na cerimônia de refúgio budista ocorrido no KTC - Templo budista tibetano, Karma Theksum Chokhorling, na Vargem Grande, Rio de Janeiro. Além de estudar o budismo, a autora pesquisa e pratica várias vertentes do misticismo. É Rosacruz, Martinista, realizou Iniciação no Colégio dos Magos e na Ordem de Melquisedeque por ocasião da Iniciação em Apometria Quântica. Tem formação superior com doutorado e acumula diversas especializações na área das terapias holísticas como Astrologia, Ho'Oponopono, Numerologia Cabalística, Florais de Bach, Cabala, Alquimia, Terapia de Vidas Passadas, Acupuntura Emocional sem Agulhas, Cura Energética, Cura com cristais, Radiestesia e Mesa Radiônica. É sintonizada como Mestre Reikiana e Mestre Shamballa Healing.

Atualmente aprimora um método próprio de harmonização, equilíbrio e cura, reunindo as referências que aprendeu e praticou em toda sua trajetória. Esse método, inicialmente designado como Alquimia das Formas e Cores, em breve estará publicado entre suas obras.

Encontre a autora em suas redes sociais:

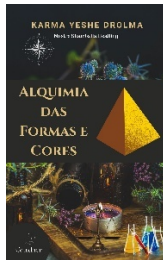
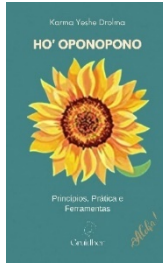
[Instagram](#)

[Página de Autor da Amazon](#)

[Conheça o Projeto Pequena Shamballa](#)

Livros da Editora Gruidher

Clique para encontrar na Amazon



EDITORA
Gruidher

